

A PALAVRA

José de Alencar

A palavra, esse dom celeste que Deus deu ao homem e recusou a todos os outros animais, é a mais sublime expressão da natureza; ela revela o poder do Criador, e reflete toda a grandeza de sua obra divina.

Incorpórea como o espírito que a anima, rápida como a eletricidade, brilhante como a luz, colorida como o prisma solar, comunica-se ao nosso pensamento, apodera-se dele instantaneamente, e o esclarece com os raios da inteligência que leva no seu seio.

Mensageira invisível da idéia, Íris celeste do nosso espírito, ela agita as suas asas douradas, murmura ao nosso ouvido docemente, brinca ligeira e travessa na imaginação, embala-nos em sonhos fagueiros, ou nas suaves recordações do passado.

Reveste todas as formas, reproduz todas as variações e nuances do pensamento, percorre todas as notas dessa gama sublime do coração humano, desde o sorriso até a lágrima, desde o suspiro até o soluço, desde o gemido até o grito rouco e agonizante.

Às vezes é o buril do estatuário, que recorta as formas graciosas de uma criação poética, ou de uma cópia fiel da natureza: aos retoques desse cinzel delicado, a idéia se anima, toma um corpo, e modela-se como o bronze ou como a cera.

Outras vezes é o pincel inspirado do pintor, que faz surgir de repente do nosso espírito, como de uma tela branca e intacta, um quadro magnífico, desenhado com essa correção de linhas e esse brilho de colorido que caracterizam os mestres.

Muitas vezes também é a nota solta de um hino, que ressoa docemente, que vibra no ar, e vai perder-se além, no espaço, ou vem afagar-nos brandamente o ouvido, como o eco de uma música em distância.

A ciência tem nela o seu escalpelo com que faz a autópsia do erro, descarna-o dos sofismas que o ocultam, e mostra-o claramente àqueles que, iludidos por falsas aparências, julgam ver nele a verdade.

O sentimento faz dela a chave dourada que abre o coração às suaves emoções do prazer, como o raio do sol que desata o botão de uma rosa cheia de viço e fragrância.

A justiça deu-a à inocência como a sua arma de defesa, arma poderosa e irresistível, que tantas vezes tem suspenso o cutelo do algoz, e quebrado as pesadas cadeias de ferro de uma masmorra.

Para o tribuno é uma alavanca gigantesca com que desloca as imensas moles do povo, e atira-as de encontro às colunas do edifício social, que estremece, vacila e se abate ao peso dessas massas impelidas por um poder quase sobre-humano.

Eis o que é a palavra, meu amigo; simples e delicada flor do sentimento, nota palpitante do coração, ela pode elevar-se até o fastígio da grandeza humana, e impor leis ao mundo do alto desse trono que tem por degrau o coração e por cúpula a inteligência.

Assim, pois, todo o homem, orador, escritor, ou poeta, todo o homem que usa da palavra, não como um meio de comunicar as suas idéias, mas como um instrumento de trabalho. todo aquele que fala ou escreve, não por uma necessidade da vida, mas sim para cumprir uma alta missão social. todo aquele que faz da linguagem não um prazer, mas uma bela e nobre profissão, deve estudar e conhecer a fundo a força e os recursos desse elemento de sua atividade.

A palavra tem uma arte e uma ciência: como ciência, ela exprime o pensamento com toda a sua fidelidade e singeleza; como arte, reveste a idéia de todos os relevos, de todas as graças, e de todas as formas necessárias para fascinar o espírito.

O mestre, o magistrado, o padre, o historiador, no exercício do seu respeitável sacerdócio da inteligência, da justiça, da religião e da humanidade, devem fazer da palavra uma ciência; mas o poeta e o orador devem ser artistas, e estudar no vocabulário humano todos os seus segredos mais íntimos, como o músico que estuda as mais ligeiras vibrações das cordas de seu instrumento, como o pintor que estuda todos os efeitos da luz nos claros e escuros.